PROBLEMATA
International Journal of Philosophy

Problemata - Revista Internacional de Filosofia
v. 17. n. 3 (2026), p. 199-202 ISSN 2236-8612
doi:10.7443/problemata.v17i2.81889

APRESENTAÇÃO

A "invenção" do Moderno: Método, Sujeito e Liberdade

Leandro de Araújo Sardeiro[1]
Wandeílson Silva de Miranda[2]

A noção de Filosofia Moderna, para além dos manuais de História da Filosofia, necessita ser revisitada de forma crítica. Por um lado, os conceitos centrais elaborados no período passaram a determinar a construção do método da prática filosófica e científica, assim como a construção dos modelos emergentes no período sobre a constituição do sujeito e sua intrínseca relação com o conceito de Natureza e Liberdade. Mesmo após uma intensa e longa desmontagem desses conceitos no decorrer dos séculos XIX e XX, a cada vez que se observa a prática dos saberes e a formação intelectual dos indivíduos pode-se observar o quanto os paradigmas originados no período ainda são determinantes para a atualidade. Cientes da necessidade de revisitar as ideias relacionadas à construção do pensamento moderno, o *I Simpósio A invenção do Moderno* teve por objetivo reunir especialistas da Filosofia em autores e/ou temas específicos do século XVII-XVIII, com a pretensão de retomá-los, no intuito de questionar e compreender a importância dos conceitos elaborados no período para a construção dos saberes e da refundação política posterior e, especialmente, para a compreensão dos dilemas contemporâneos.

Desta forma, este primeiro simpósio buscou apresentar em três aspectos a invenção do Moderno: i) a elaboração do método como paradigma central do saber, ao mesmo tempo em que os usos da razão tornaram-se emancipados da autoridade da Religião; ii) as teorias do sujeito como plataforma para a expressão de novas noções de subjetividade, pelo menos em três aspectos: psicológica, social e histórica; iii) a substituição das ideias de salvação, felicidade e transcendência no discurso político pela noção de liberdade como afirmação da existência individual e coletiva.

Para repensar esta atitude inovadora, o evento reuniu professores e estudantes de graduação e pós-graduação com interesses ou com afinidades na pesquisa para dialogar sobre a importância e a atualidade do pensamento moderno. O evento foi realizado a partir das parcerias com pesquisadores de

[1] Professor adjunto da Universidade Estadual do Piauí. Doutor em Filosofia – Unisalento, XXVI ciclo. E-mail: leosardeiro@phb.uespi.br, Lattes: http://lattes.cnpq.br/1681358357441042
[2] Doutor em Filosofia (UFRJ). É professor Associado III da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: wandeilson.miranda@ufma.br, Lattes: http://lattes.cnpq.br/9524891255763233

diferentes instituições de Ensino Superior, federais e estaduais, de três regiões diferentes do Brasil. Tal iniciativa buscou fortalecer a cooperação entre as instituições envolvidas, mas buscou principalmente permitir a troca científica e a produção mais recente dos pesquisadores convidados com o público interessado, seja da graduação ou da pós-graduação. Por outro lado, o tema do evento proporcionou também a interlocução com áreas de saberes distintos, como a Psicologia, a História, a Sociologia *etc*., de forma a estabelecer um diálogo mais amplo com as Humanidades, que de forma direta ou indireta utilizam os conceitos filosóficos em sua prática e em suas formações educacionais. Com o intuito de proporcionar a integração entre as diferentes áreas e setores da Educação, além dos discentes da graduação e pós-graduação, foram convidados professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio para integrarem o público, que puderam participar de forma gratuita no evento. Para possibilitar um diálogo mais amplo com o público, as mesas e as comunicações foram gravadas e transmitidas no canal de YouTube do grupo de pesquisa *FHIS – A Filosofia e a sua História*, para que os demais interessados pudessem acompanhar e compartilhar as discussões de outros locais do Brasil[3].

Este foi o primeiro encontro com tal proposta a ser realizado na cidade de Parnaíba-PI, permitindo que o público-alvo tivesse acesso às mais recentes pesquisas realizadas em outros eixos de excelência acadêmica. Com isso, tivemos a intenção de estimular a pesquisa filosófica entre os discentes das instituições educativas da região e apoiar a difusão científica, bem como pretendemos nos aproximar dos pesquisadores envolvidos, por meio da partilha do seu trabalho e interpretação do tema abordado. A questão abordada no encontro teve por base reconsiderar a importância e atualidade do pensamento Moderno, seus limites e impasses, suas contradições e especialmente sua importância ao estabelecer o solo epistemológico que determinou o surgimento da dinâmica científica, da vida pública laica e a reforma da racionalidade dentro do novo contexto da sociedade dos séculos XVII-XVIII. Diante do avanço de ideias violentas, da inclusão sistemática da *superstição* como forma de propaganda política, do renascimento obscurantista de valores aparentemente abandonados nos séculos anteriores, da confusão axiológica representada no debate público, bem como da propagação de grupos de declarada oposição à Ciência, pareceu-nos mais do que nunca necessário revisitar o papel fundamental que exerceram os conceitos inauguradores da visão secular e científica que proporcionaram a autonomia do indivíduo, a construção das liberdades civis e a fundação do Estado de Direito.

Nesse sentido, pudemos contar com contribuições variadas. Muitas discussões interessantes foram propostas, principalmente em torno do tema da Tolerância. Sobre esse ponto, Francisco Winston José da Silva propôs o texto *A Ideia de tolerância dos Modernos: democracia e limite segundo Rainer Forst*. Ele investiga os sentidos modernos da tolerância à luz do direito à justificação de Rainer Forst, examinando seus limites e suas implicações para a democracia e a justiça. Discute os critérios normativos que permitem distinguir a tolerância legítima da aceitação da intolerância, problematizando seus fundamentos na construção de uma sociedade democrática justa.

[3]As mesas estão disponíveis entre os vídeos ao-vivo do canal YouTube do *Grupo FHIS: A Filosofia e a sua História*. As comunicações, por sua vez estão entre os vídeos carregados no canal. Ambos estão disponíveis em https://www.youtube.com/@grupofhis-afilosofiaeasuah8509/featured. Acesso em: 10 set. 2026.

Seguindo uma metodologia diversa e visando alvos diferentes, Flávio Fontenelle Loque problematizou o mesmo assunto. No seu texto *Cristianismo em disputa: estratégias tolerantistas de Bayle, Locke e Voltaire*, podemos ler uma reconstrução histórico-filosófica do debate sobre a compatibilidade entre Cristianismo e intolerância, partindo de Agostinho e Tomás de Aquino para examinar duas estratégias modernas de defesa da tolerância. Além disso, contrasta as perspectivas de Pierre Bayle e John Locke com a de Voltaire, o que evidencia diferentes respostas ao problema da coerção religiosa e as distintas expectativas acerca do papel do Cristianismo e da religião natural.

Ainda sobre a Tolerância, mas buscando uma discussão pautada por formas diferentes de se compreender a *autoria* de certas ideias, Leandro Sardeiro nos apresentou as suas questões sobre *Jean-Fréderic Bernard: filigranas de um crítico da intolerância*. Esta intervenção se desenvolve a partir de uma proposta metodológica diferente, tentando perceber uma atuação filosófica de Jean-Frédéric Bernard nos rastros da sua atividade de editor. A intenção é mostrar como essa atividade conseguiu estabelecê-lo como um dos principais nomes da produção editorial Moderna em prol das ideias das Luzes.

Além dos problemas da intolerância, muitas intervenções também se debruçaram sobre questões próprias do Simpósio a partir do pensamento de autores específicos. O mais discutido desses autores foi Baruch de Spinoza. Wandeílson Miranda escreve o texto *Ontologia e vida nas filosofias de Deleuze e Spinoza,* no qual buscou falar sobre a relação entre a ontologia da diferença de Gilles Deleuze e a concepção de vida em Spinoza, destacando o papel da univocidade e da imanência na compreensão dos modos de existência. A partir dessa aproximação, investigou as implicações de uma ontologia dinâmica e plural da Natureza para a elaboração de uma concepção renovada de organismo.

Além dele, e ainda discutindo sobre o mesmo autor, Emanuel Fragoso propôs o texto *A servidão humana na Parte 4 da* Ética *de Benedictus de Spinoza*, no qual investigou a relação entre a impotência diante dos afetos, o conhecimento racional e a conquista da liberdade. Ao articular a superação da passividade à compreensão da necessidade da Natureza, abordou o percurso ético que conduz à beatitude e à compreensão do vínculo entre o ser humano e Deus.

Aprofundando um outro ponto de vista, Fabíola Caldas apresentou o texto *A potência da imaginação na filosofia de Spinoza: do erro à libertação humana*, que propõe uma releitura da concepção spinozana de imaginação, de forma a problematizar a sua interpretação como fonte exclusiva de erro e servidão. Ao investigar sua relação com o *conatus*, os afetos e o conhecimento racional, destacou o papel da imaginação na reorganização das afecções e no aumento da potência de agir, compreendendo-a como dimensão relevante do processo de conquista da liberdade.

Por fim, Ericka Itokazu apresentou o texto *Descartes e Espinosa, um moderno e um crítico da modernidade?* Ela discorreu sobre a interpretação de Espinosa como contraponto radical à filosofia cartesiana, propondo investigar os fundamentos conceituais que aproximam ambos os pensadores. A partir da noção de infinito positivo, explorada por Merleau-Ponty, o texto buscou estabelecer um novo horizonte de diálogo entre Descartes e Espinosa e reconsiderar suas contribuições para a constituição da modernidade filosófica.

Pudemos também contar com contribuições sobre Hegel. Francisca Maria de Oliveira Souza e Marcos Fábio Alexandre Nicolau propuseram falaram sobre *O fim da Arte: a liberdade da arte romântica em Hegel*. Nesse sentido, partem de uma

leitura profunda dos *Cursos de Estética* para observar como a Arte transborda a forma em direção ao puro conteúdo, realizado na tríade da arte romântica. Dessa forma, ela se liberta, passando pela pintura, pela música e chegando à poesia em sua suprassunção.

Além disso, dois textos que versarem de algum modo sobre Leibniz e suas implicações para a construção de um pensamento analítico contemporâneo. Em primeiro lugar, o texto de Jorge Henrique Lima Moreira, que falou sobre *A mônada de Leibniz e a substância de Wittgenstein: essas noções são semelhantes?* Nesse contexto, o autor analisa a similaridade entre as duas perspectivas filosóficas envolvidas. A sua intenção é discutir se elas implicam visões semelhantes acerca da constituição da realidade, análise restrita à primeira obra de Wittgenstein, o *Tractatus logico-philosophicus.*

Abordando o mesmo autor, mas com uma abordagem mais voltada para uma leitura histórico-filosófica dos reflexos da lógica leibniziana nos tempos atuais, Fábio Mascarenhas Nolasco falou propôs o texto *Ainda sobre a* Characteristica universalis *de Leibniz*. Trata-se de uma análise das implicações do conceito de *characteristica universalis* nos desdobramentos da Filosofia Analítica do século XIX. Nesse sentido, aborda diferentes questões, culminando na crítica que tais ideias recebem da parte de Hegel, na sua *Ciência da lógica*.

No decorrer do evento, ainda pudemos contar com discussões sobre Descartes, desenvolvidas por Enéias Forlin, e sobre David Hume, nas palavras de Stéphanie Hamdan Zahreddine. Ambas as intervenções foram muito enriquecedoras para nós, e ficamos muito agradecidos por elas.

Como se pode ver, a ideia de Moderno ainda nos oferece muitas questões para discussão. É preciso aprofundar toda a sua amplitude, para que possamos continuar atualizando as nossas potencialidades filosóficas mais profundas. Desejamos para todos uma leitura proveitosa do nosso dossiê.

Recebido em: 08/2026
Aprovado em: 08/2026